

Objeto *a*, de Axé: políticas da enunciação entre o divã e o terreiro

Marcelo Massucatto¹

Resumo: Este artigo propõe um experimento teórico-formal ao colocar em fricção duas ontologias aparentemente inconciliáveis: o axé, enquanto princípio relacional das cosmologias afro-brasileiras, e o objeto *a* lacaniano, enquanto causa do desejo e resto estrutural do Real. Partindo do deslocamento narrativo presente em “Dama da noite”, de Caio Fernando Abreu, o texto interroga a neutralidade da escrita acadêmica por meio de uma enunciação em segunda pessoa endereçada às Pombagiras. Argumenta-se que, embora axé e objeto *a* operem em regimes ontológicos distintos na circulação de potência e lógica da falta, ambos apontam para uma exterioridade constitutiva do sujeito. Ao explorar convergências e fricções entre terreiro e divã, o artigo sustenta que a escrita acadêmica pode funcionar como dispositivo de descentralização do humanismo moderno, abrindo espaço para uma ontologia do desejo que desorganiza a unidade do sujeito cartesiano.

Palavras-chave: Pombagira. narratividade. Axé. Psicanálise lacaniana.

¹ Doutor em Estudos Literários. Universidade Federal do Rio de Janeiro. marcelobranquinho9@gmail.com

Fora da roda, montada na minha loucura. Parada pateta ridícula porra-louca solitária venenosa. Pós-tudo, sabe como? Darkérrima, moderníssima, puro simulacro. Dá minha jaqueta, boy, que faz um puta frio lá fora e quando chega essa hora da noite eu me desencanto. Viro outra vez aquilo que sou todo dia, fechada sozinha perdida no meu quarto, longe da roda e de tudo: uma criança assustada. (Abreu, 2014, posição kindle 8185).

Cena 1: de Mariana a Maria Quitéria

Quando criança, me recusava a tomar banho se antes minha mãe não desse banho em outra criança, a minha amiga imaginária, Mariana. Minha mãe me contou isso recentemente, num relato atravessado por um certo constrangimento, depois que lhe contei sobre a conversa acidental que tive com um Erê durante uma gira de Pretos Velhos, em um terreiro de Umbanda.

O curioso é que, ao lhe perguntar especificamente sobre Mariana, minha mãe associa rápido demais com outra história, em que, em uma festa junina da pré-escola, eu teria me aproximado da Noiva, uma garota da minha sala que eu gostava, e perguntado se eu poderia ser seu Noivo. Ao ser rejeitado, eu teria dito, nas palavras de minha mãe: “acabou pra mim, já era.” Incomodado pela associação feita por minha mãe entre minha amiga imaginária e um episódio de heterossexualidade compulsória, conto essa história para meu analista já me defendendo do meu suposto gostar da garota com o conceito desenvolvido por Adrienne Rich.

Meu analista, sem hesitar, me pergunta: “Não te ocorreu que você queria ser a noiva?”. Reconheço imediatamente o eco de Mariana, a amiga imaginária: era talvez a minha primeira tentativa de encarnar um feminino que não podia aparecer. Que depois

ecooou nas minhas performances de um feminino triste, passivo, que volta e meia aparece como furo do meu feminino enquanto posição libidinal.

Dar banho nela, então, era banhar uma parte minha que eu não podia tocar diretamente. Mariana suportava minha vulnerabilidade quando eu não podia suportá-la. Era minha forma infantil, adentrando a castração da linguagem, e experimentando uma posição feminina de cuidado, exposição e desejo, posição essa que, naquela idade, já me era interdita. É então que me vêm à cabeça Chiquititas, Sailor Moon, Buffy, Cláudia Raia, Angélica e Carla Perez na era É o Tchan enquanto repertório recalcado de uma criança viada dos anos 90.

Esse feminino retorna hoje, mas transfigurado como Maria Quitéria, Dama da Noite, Maria Mulambo, Maria Sete Saias, e todas as Pombagiras que atravessam minha libido adulta com ruína e potência. Vejo hoje, enfim, como ressurgência de um feminino perdido, não enquanto posição identitária, mas o feminino como posição libidinal da receptividade e criatividade em relação ao desejo.

Mas porque foi perdido cedo demais, ele retorna torcido, envenenado pela vergonha infantil. Retorna até mesmo na forma de passividade em relacionamentos, na espera por ser escolhido, em homens casados que não podem me assumir, na fantasia insistente de ser o objeto secreto do desejo masculino (e não qualquer masculino). É um feminino que não pude viver na infância e que reaparece como feminino ferido, sempre à beira da humilhação.

Introdução

Este artigo parte de uma pergunta que é ao mesmo tempo conceitual, espiritual e metodológica: é possível colocar em diálogo o axé e o objeto a lacaniano sem reduzir um ao outro? Mais ainda: que deslocamentos essa aproximação produz tanto para a psicanálise quanto para os modos de escrever academicamente sobre desejo,

espiritualidade e subjetividade dissidente? Propõe-se, assim, pensar a ética do desejo, temporalidade e a lógica da escrita acadêmica a partir da intersecção de vivências entre o chão de terreiro e o divã psicanalítico.

O termo axé, proveniente das tradições afro-diaspóricas e central nas cosmologias do Candomblé e da Umbanda, não designa simplesmente “energia” ou “força espiritual” em sentido abstrato. Axé refere-se a uma potência relacional que circula entre corpos, objetos, palavras, entidades e rituais; é princípio de movimento, atualização e transformação; não se tratando, pois, de essência interior nem de transcendência metafísica, mas de uma força que se atualiza na prática, na incorporação, na troca e na materialidade dos elementos. O axé aparece como atravessamentos, deslocamentos e redistribuição de posições. Trata-se de uma ontologia da circulação em que não há predestinação, em que o presente, passado e futuro são mera fantasia para temporalidades outras.

Por sua vez, o objeto a, tal como formulado por Jacques Lacan no Seminário 10, não corresponde a um objeto empírico, tampouco a um conteúdo psíquico representável. Ele é resto estrutural, causa do desejo, aquilo que escapa à simbolização plena e que, justamente por isso, coloca o sujeito em movimento. O objeto a não é o que se deseja, mas o que faz desejar. Ele marca a exterioridade constitutiva do sujeito e a impossibilidade de coincidência consigo mesmo, dando ao sujeito a dimensão do que é inalcançável pela linguagem.

A hipótese que sustenta este trabalho é que o axé pode tensionar a leitura clássica do objeto a ao deslocar a ênfase da falta estrutural para a circulação de potência. Se o objeto a opera como causa do desejo a partir de uma lógica de resto e perda, o axé introduz uma lógica de transbordamento e redistribuição, em que ambos apontam para uma exterioridade constitutiva do sujeito; contudo, fazem-no a partir de regimes ontológicos distintos. Diante dos muitos impasses ontológicos que se colocam entre os dois sistemas ontológicos, o que está em jogo, portanto, não é equiparar axé e objeto a, mas explorar as fricções e convergências que emergem quando esses dois campos se aproximam.

Nesse movimento, uma reconsideração da escrita acadêmica é um dos principais aspectos (des)norteadores. A forma impessoal, orientada por um suposto leitor universal, frequentemente reproduz uma arquitetura humanista centrada na autonomia do sujeito racional. Ao propor um texto estruturado parcialmente em segunda pessoa, endereçado às Pombagiras e à figura da Dama da Noite, inspirada no conto de Caio Fernando Abreu, este artigo assume o risco de deslocar o eixo da enunciação. A segunda pessoa não é aqui um recurso didático, mas um gesto político que desestabiliza a posição do narrador soberano, encenando uma escrita que se deixa atravessar por alteridades não plenamente humanistas.

Ao articular psicanálise lacaniana, espiritualidades afro-brasileiras e crítica à forma acadêmica, este texto não busca sintetizar tradições distintas sob um denominador comum. Pelo contrário, assume a impossibilidade de totalização como princípio metodológico. O que se pretende é habitar a zona de fricção entre campos, sustentando a tensão entre falta e potência, resto e circulação, objeto e força. Se o objeto a marca a impossibilidade de completar o desejo, o axé aponta para a sua permanente atualização. Entre a falta estrutural e o transbordamento ritual, abre-se um espaço para repensar tanto a subjetividade quanto a escrita que a pretende descrever. É nesse intervalo entre o divã e o terreiro, entre o matema e a incorporação que este artigo se inscreve.

1. A escrita em segunda pessoa é uma projeção do desejo?

O texto acadêmico, tradicionalmente endereçado a um leitor supostamente universal e impessoal, traz como certeza inerente a possibilidade de fluxo intertextual por um discurso coeso, que parte do intelectual e percorre seu caminho até chegar ao leitor universal, cujo texto terá sua leitura pouco ou quase nada absorvida. Você sabe que não somos donos do que escrevemos uma vez que o texto é exposto para o olhar público (Barthes, 2004). Essa relação, aparentemente cartesiana e unidirecional, pode ser bagunçada a partir do momento em que direciono meu texto a um leitor específico. Uma

vez que se vê impelido a assumir uma identidade não-universal, situada e específica, este pode se ver livre da construção de sentidos linear e coesa do texto que se lê.

Dirigir o texto a um “você” específico bagunça essa engrenagem. Ao abandonar o leitor universal, o texto perde o conforto da neutralidade e assume uma posição situada. O “você” interrompe a ficção cartesiana de que escrevemos para ninguém em particular e, portanto, para todos. As moças riem quando escrevo, porque duvido da presença delas enquanto mantenho intacta a crença num leitor universal abstrato. Talvez a verdadeira projeção não esteja na incorporação, mas no desejo por universalidade.

A posição simbólica que pretende falar de um lugar neutro é, como diria Jacques Lacan, atravessada pelo significante fálico, este um operador de universalização e padronização. Falar como se falássemos de lugar nenhum é ocupar um lugar muito preciso, ou seja, aquele que ambiciona estabilizar sentidos e dissolver ambivalências. O inconsciente, ao contrário, introduz o diabólico, o desvio, o que escapa à domesticação discursiva, passando a insistir como desejo, como excesso, como projeção.

O interlocutor do narrador em segunda pessoa ocuparia a posição de objeto projetado em forma do que, de tão diabólico ou idealizado possa ser, não segura a posição de fisicalidade? Diante da impossibilidade de materializar o inconsciente, Lacan fala sobre o objeto a como a pulsão que move a produção de desejos pelo inconsciente, do qual não seria possível ser nomeado. David-Ménard (2022) enxerga na principal contribuição lacaniana para a psicanálise uma possibilidade de diálogo do campo com o pós-humanismo, uma vez que a resposta que o sujeito procura não estaria dentro de si, mas em uma linguagem externa à sua compreensão. A psicanálise, que seria centrada no humano e sua subjetividade, pode revelar alguns momentos de deslocamento de lente para o pós-humanismo quando aborda o inconsciente pela perspectiva de sua inexistência física, de sua força invisível e deformadora da produção de sujeitos baseada na neurose e no recalque de instintos, uma vez que o objeto a é o mais próximo que a psicanálise chega de uma descentralização do humanismo para um pensamento calcado em subjetividades outras que não a da linguagem.

Coloco aqui as minhas moças na posição de interlocutoras deste texto, uma vez que elas podem ou não ser minhas leitoras e sua fisicalidade pode ou não reproduzir um corpo centrado na ideia moderna de humano, ou consistir em uma arquitetura corporal que desafia os parâmetros médico-jurídicos que consolidaram o corpo humano moderno. Construir um interlocutor de um texto escrito na segunda pessoa pode implicar que este não possua uma fisicalidade que reproduz o corpo humano canônico conforme os discursos médico e jurídico contribuíram para cristalizar como condição possível única ao longo da Modernidade.

E é porque há alguém a quem se conta sua própria história, algo sobre si mesmo que ele desconhece ainda, ao menos no nível da linguagem, motivo pelo qual ele pode organizar um relato em segunda pessoa, que resultará, por conseguinte, em um relato “didático”. Sempre que se quiser descrever um progresso da consciência e o nascimento da linguagem, a segunda pessoa é a mais indicada (Botoso, 2021, p. 323).

Altamir Botoso afirma que a narração em segunda pessoa tende ao didatismo e à descrição de um progresso da consciência (2021). Discordo. Não há aqui progresso linear, nem pedagogia evolutiva. A segunda pessoa pode operar como fissura, não como instrução. Pode desorganizar a consciência em vez de conduzi-la. O problema não é estrutural, mas político: que tipo de sujeito a forma narrativa pressupõe?

Escrever assim me deixa inseguro. Vocês, pombagiras, sabem o peso que a autoridade exerce sobre subjetividades dissidentes. Tomar a narrativa para si é libertador e arriscado. É preciso arriar o narrador, permitir que ele funcione como médium, não como soberano. O enunciado deixa de se dirigir a um leitor universal e passa a convocar um leitor cindido, atravessado, talvez nem inteiramente humano nos moldes modernos.

Ao conduzir um texto na segunda pessoa, sou tomado pela insegurança do que faço, uma vez que vocês, pombagiras, que carregam a energia do desfazimento da repressão sexual, da sublimação da libido e do apagamento do tesão, sabem melhor que

ninguém o peso que uma autoridade pode ter na obliteração de uma subjetividade dissidente, que não se vê refletida em nenhuma figura de autoridade. Me ensinaram que tomar a narrativa para si é, ao mesmo tempo, libertador e desafiador. É necessário, portanto, arriar o narrador, como se este fosse um médium capaz de compor um enunciado que se dirige não a um leitor universal, mas a um leitor cindido, dividido, em busca de meios para dissolver a autoridade do discurso. Aliás, por que eu deveria imaginar um leitor que possuísse um conjunto de partes espelhando o corpo canônico humano? Me parece uma visão exageradamente humanista. Essa projeção de desejo em algo intocável, imaterial, me remete à principal contribuição que Jacques Lacan deixou para a psicanálise.

Lacan (2005), no Seminário 10, nomeia a ideia de objeto a, que já havia sido ensaiada no seminário anterior. O objeto a é aquilo que desperta o desejo, a falta e o resto do inconsciente. O que diferencia a psicanálise de outros saberes é justamente a sua insistência no Real enquanto assombração que retorna. É assim que o inconsciente pode ser pensado a partir da imaterialidade e do que supera o humano. É assim também que imagino vocês, como um conjunto de objetos e desejos que extrapolam uma arquitetura corporal cristalizada no imaginário ocidental. Isso que você chama de quiumba (um espírito obsessivo, maligno) é para ele uma neurose, aquilo que reside de desejo, pulsão de vida e morte misturados e mal resolvidos dentro da gente. Apesar de muitos desencontros entre psicanálise e axé, o objeto a (a de axé?) pode ser um ponto de convergência para pensar as relações entre psicanálise e pós-humano. É levar o sujeito a reconhecer que o seu desejo está presente em um objeto externo a si mesmo sob o qual possui pouco ou nenhum controle.

Na angústia de não conseguir nomear, é pelo menos possível dar forma a esse objeto? É possível que ela adquira contornos humanos? Walter Benjamin (1984) pediu, em um de seus textos, pelo fim da boneca realista na cultura ocidental. Você sabe que as bonecas antigas não eram uma reprodução corporal dos sujeitos. Uma boneca não era necessariamente uma Barbie, loira, magra, de olhos azuis e cabelos lisos. Tratava-se de um objeto que não mimetizava a arquitetura corporal linear do sujeito moderno. Poderia

se tratar de uma junção de elementos da natureza, como gravetos, poeira de carvão, pedras, rochas, tintas e plantas desidratadas.

Para Benjamin, a boneca cristalizada pela lógica moderna simboliza uma perda para o imaginário filosófico e cognitivo das crianças, que crescerão com a ideia de que o corpo humano é o único possível para a sensibilidade. O que extrapola o sensível, que possui contornos que vão para além das bordas corporais, passa a ser então tido como descartável e desnecessário. É como se as possibilidades de conexão animistas tivessem tido sua ancestralidade descartadas e invalidadas, uma vez que não mais serviam a uma mentalidade cartesiana, colonialista, que via na razão e na medicalização do discurso uma crucial ferramenta para a automatização semiótica da sensibilidade.

Para além de imaginar as falanges atuantes de vocês, moças, como essas imagens de mulheres esbeltas, bruxas, ciganas, feiticeiras, cobertas de joias e roupas vermelhas, gosto também de imaginar que vocês se apresentam a partir de outros elementos. As chamas das velas vermelhas e pretas que acendo toda semana, nas ervas que uso para banhos para a nossa conexão. Você é o emaranhamento de elementos anímicos que, juntos, somam uma percepção distinta do sensível, do não-palpável e do existir entre. Se Michel Foucault (2007; 2019) observou que o humano historicamente tendeu a produzir um conhecimento irrestrito debruçado sobre si mesmo e sua própria história, nesse movimento aparentemente teleológico de produção de conhecimento, está presente a sistematização de crenças e da convivência com o não visível por meio da institucionalização de religiões. Penso no quão admirável é a quantidade de falanges atuantes das moças, que impede uma categorização mais robusta quanto a sua forma, aparência, personalidade e conjunto de traços que definem um corpo à semelhança da arquitetura canônica do sujeito ocidental.

Ao dirigir meu afeto e objeto a(mor) às moças, encontro neste ato um modo possível de hackear a escrita acadêmica centrada no sujeito.

Cena 2: no consultório

No consultório do meu psicanalista, me queixo sobre a minha atração sexual por homens casados, especialmente os que se identificam como heterossexuais. Na ocasião, havia tido um episódio de fúria após me desentender com um cara que se dizia bissexual, casado com uma mulher, e que queria ter um encontro sexual comigo. No entanto, por me colocar tantas perguntas, como se eu representasse um risco para sua integridade física e sexual, acabei por me frustrar com a ideia de transar com um hetero.

Não, não curto chemsex; não, nunca tive sífilis; sim, meus exames estão todos em dia; sim, podemos transar com camisinha se você assim preferir; não, não tem a probabilidade de termos nenhum conhecido em comum; não, eu não vou me apaixonar por você - são algumas das respostas que lhe dou, ao que mais parece uma entrevista de emprego do que o que deveria ser sexo casual. Me pareceu, ao fim, muita energia libidinal investida para uma recompensa muito pequena.

Na mesma sessão, me lembro de um sonho erótico que tive com meu analista, por sua vez, um homem hetero e casado com uma mulher - e lhe relato o sonho. “Acho que gosto de estar na posição de ter um homem heterossexual me castrando”, digo a ele.

“É porque você precisa sustentar a posição de ser objeto de desejo do Outro”, diz meu analista lacanianamente.

2. É possível uma psicanálise pós-humana?

Ao pensar no sujeito canônico ocidental, me pergunto o quanto as narrativas contribuíram para a construção do imaginário desse suposto leitor universal. Seja pela narração na 1ª pessoa do plural nos trabalhos acadêmicos ou no suposto narrador confiável da 3ª pessoa do singular na literatura. Ao crer na suposta isenção ideológica dessa armadura linguística, perdemos o imaginário de criação de outras corporalidades e arquiteturas corporais.

Ainda bem que posso confiar na presença da senhora para me curar da falta de imaginação e da crença no naturalismo como única forma possível de expressão literária do que se concebe como realidade. Por que a literatura brasileira, tão rica e diversificada,

só valoriza aquilo que se propõe como naturalista e machadiano? O machadiano sem o místico do narrador cadáver?

Ainda mais em tempos de biopolítica onipresente, meu bem. Deslocar a arquitetura corporal do sujeito leitor universal, passivo diante de uma leitura cartesiana e a construção de sentidos objetivos e lineares diante do texto que se apresenta, se torna uma necessidade primária do contato com aquilo que supera o humano. Foucault (2007; 2019) sublinha a insistência do sujeito em não se reconhecer como um produto cultural e discursivo, historicamente construído pela visão propiocentrada dos sujeitos, da humanidade, do homem moderno ocidental. As visões construtivistas voltaram o olhar de exame e questionamento para os séculos de conhecimentos e epistemes produzidas pelo sujeito para o próprio sujeito, de modo a interrogar a finalidade teleológica de tal feito.

Aí, moça, o que veio depois foi a possibilidade de pensar outros modos de vida, de vivência, de existência, rompendo com o que se tinha estabelecido como práticas cristalizadas de existência do eu. Outros saberes, como a filosofia pós-estruturalista e a psicanálise, se valeram dos relativismos e possibilidades de epistemologias novas para a construção de outras realidades não-hegemônicas.

A moça tem vivência suficiente para saber que, em reação a isso, não demorou muito para que houvesse uma reação epistemológica conservadora, né? É assim que surgiram vários grupos que, se vendo como baluartes da moral e dos bons costumes, propagaram e ainda propagam o retorno a um ideal substancial e essencial de eu para combater tudo que há de ruim. Uma reprise daquilo que a senhora sofreu durante a caça às bruxas. E hoje a senhora tá aí viva, trabalhando para suas filhas e depois as vendo agradecer uma santidade cristã que te queimou na fogueira.

Mas é isso, a moça é a prova da agência que escapa ao sensível humano, e coloca em xeque a posição fundamental da racionalidade ocidental: o conforto e a estabilidade da certeza epistêmica. O emaranhamento de elementos naturais, partículas, átomos, energias, discursos que você acumula e fazem acontecer. Fazem explodir. Fazem dar agência para mudar o que parece imutável. Diante da impossibilidade de descrição precisa, categorização fixa ou nomeação exata, tenho que buscar formas de conviver com

a dúvida. Nesse jogo desconfortável de assumir a provisoriedade das verdades e a transitoriedade das certezas, eu encontro modos de fazer alianças com esse desconhecido.

Na primeira vez que li Donna Haraway (2016) dizendo para não fazer bebês, mas alianças estranhas, nunca imaginei que me apropria de tais saberes para me tentar me aproximar de você, Quitéria, Dama da Noite, moças, elementos, objetos anímicos que me acompanham, formando um emaranhado de sinergias que me permitem dar um outro sentido para as coisas. Quando tento alcançar esse sentido descentrado de mim mesmo e dos discursos que criamos historicamente, sinto uma angústia sem fim, pois tal agenciamento ainda aparece de forma bastante constrangida. Assim, vejo o objeto a como um aliado psicanalítico para abraçar e aceitar o impossível que se apresenta diante de mim. O objeto a pode ser caracterizado como o que impulsiona o desejo e o que é impossível nomear. Ao contrário do Real, o objeto a resiste aos processos de significantização. Sua presença é assustadora e ao mesmo tempo reconfortante, pois nunca será possível resolver o desejo em sua completude e totalidade.

Essa roda girando girando sem parar. Olha bem: quem roda nela? As mocinhas que querem casar, os mocinhos a fim de grana pra comprar um carro, os executivozinhos a fim de poder e dólares, os casais de saco cheio um do outro, mas segurando umas. Estar fora da roda é não segurar nenhuma, não querer nada. Feito eu: não seguro picas, não quero ninguém. Nem você. Quero não, boy. [...] Mas eu quero mais é aquilo que não posso comprar. Nem é você que eu espero, já te falei. Aquele um vai entrar um dia talvez por essa mesma porta, sem avisar. Diferente dessa gente toda vestida de preto, com cabelo arrepiadinho. Se quiser eu piro, e imagino ele de capa de gabardine, chapéu molhado, barba de dois dias, cigarro no canto da boca, bem noir. Mas isso é filme, ele não. Ele é de um jeito que ainda não sei, porque nem vi. Vai olhar direto para mim. Ele vai sentar na minha mesa, me olhar no olho, pegar na minha mão, encostar seu joelho quente na minha coxa fria e dizer: vem comigo. É por ele que eu venho aqui, boy, quase toda noite. Não por você, por outros como você. Pra ele, me guardo. Ria de mim, mas estou aqui parada, bêbada, pateta e ridícula, só porque no meio desse lixo todo procuro O Verdadeiro Amor. Cuidado comigo: um dia encontro. (Abreu, 2018, posição kindle 8175).

É por isso, Dama da Noite, que enxergo você como uma lacaniana. A senhora já era lacaniana antes mesmo de Lacan sonhar em escrever o primeiro matema, fazer a primeira releitura da psicanálise freudiana à luz da linguística estrutural, ou começar a

escrever sobre o imaginário. Lacan propunha à psicanálise um método de pensamento que tirasse do sujeito o peso do discurso, afirmando a radicalidade subjetiva da experiência humana, muitas vezes intraduzível por meio do discurso. A possibilidade de encontrar buracos no discurso para uma afirmação radical da sua própria subjetividade, assim rompendo com uma espécie de determinismo discursivo, ou a colonialidade do discurso, que parecem ser inevitáveis. Será que na verdade eu poderia dizer que o inconsciente é a própria diaba ou mulher demônio? São tantas as feridas narcísicas, desejos e medos que ele esconde que me parece que seria uma ilusão transposta para as pulsões e desejos recalçados do sexo.

Mas anota aí pro teu futuro cair na real: essa sede, ninguém mata. Sexo é na cabeça: você não consegue nunca. Sexo é só na imaginação. Você goza com aquilo que que imagina que te dá o gozo, não com uma pessoa real, entendeu? Você goza sempre com o que tá na sua cabeça, não com quem tá na cama. Sexo é mentira, sexo é loucura, sexo é sozinho, boy. (Abreu, 2018, p. 8156 kindle).

Lacan afirma a inexistência da relação sexual a partir da ideia de que tudo não passaria de uma projeção do inconsciente a partir de uma ideia inatingível de orgasmo. Paul Preciado (2018), ainda que crítico e dissidente da sociedade psicanalítica com críticas contundentes ao léxico e método psicanalítico, reafirma a mesma impossibilidade do gozo. É por meio de uma sociedade farmacopornográfica que o capitalismo atualiza seu funcionamento na contemporaneidade. Tal como o fluxo do ato sexual de desejo no sexo, toda mercadoria e objeto de consumo é, ao mesmo tempo, feito para ser desejada e intocada.

Lacan e seu ensino permanecem controversos até a atualidade por afirmarem uma ética radical do desejo na temporalidade de uma sessão de análise, complicadora do tempo cronológico capitalista dos 60 minutos por consulta. Para o psicanalista francês, o desejo e a temporalidade do inconsciente não respondem a uma temporalidade sempre fixa, sempre determinada previamente pela lei simbólica. Ao afirmar uma radicalidade do desejo, Lacan coloca a lei simbólica em segundo plano. Da mesma forma, pode-se dizer que as Pombagiras, Exus, povo cigano, encantados etc também conduzem seu trabalho

pautados na ética do desejo, que desvia e confunde a lógica não só capitalista, como também a lógica cristã, pautada em valores morais que frequentemente giram em torno da culpa e da vergonha.

Mas como colocar tudo isso na mesma panela? Lacan e Dama da Noite? Quem deitaria no divã de quem? O seu divã é a mesa de bar na noite escura, o de Lacan era num consultório com a escuridão do inconsciente. O inconsciente como o diabo, o desconhecido, o que não pode ser efetivamente compreendido. Seria esse o objeto a? Axé, acredito que a psicanálise possa reificar alguns dos pressupostos para acrescentar à nossa disputa cultural por saberes dissidentes. Uma vez que o inconsciente é o próprio Exu (e Exu-Mulher também), lidar com ele exige a mobilização de um outro tipo de linguagem. Conversar e desenvolver uma pedagogia pombagiresca envolve uma linguagem acadêmica que complique os pressupostos metodológicos que perpassam o fazer pesquisa.

Se não sabemos lidar com o inconsciente (Exu) e com o feminino (Pombagira), imagina então se saberíamos lidar com esta junção? O fazer clínico, assim, se transforma em uma ferramenta conceitual de reler as entidades monstruosas à luz do inconsciente e da cisão que ele provoca no sujeito cartesiano supostamente uno e coeso, regado pela racionalidade moderna e amparado pelos dispositivos tecnológicos desenvolvidos pelos aparatos científicos que regem nossa moralidade e corporalidade em um nível somático (Preciado, 2018). O objeto a, assim como o axé, traz a possibilidade de uma ontologia que desorganiza a suposta unidade do sujeito a partir do corpo, tal qual o objeto a e a quantidade de moças que me acompanham e não querem ter suas identidades reveladas.

3. Um fechamento/corte possível:

Este artigo não buscou equivaler axé e objeto a, nem traduzi-los em um léxico comum. Ao contrário, partiu da hipótese de que a fricção entre ambos poderia iluminar os limites de cada sistema, pois se o objeto a insiste como resto estrutural e causa do desejo, o axé opera como circulação de potência que redistribui posições e atualiza relações. Enquanto um enfatiza a falta constitutiva e a negatividade; o outro, o

transbordamento relacional. A intersecção entre ambos talvez ocorra quando deslocam a fantasia de autonomia do sujeito e introduzem uma exterioridade descentralizadora.

Aproximar terreiro e divã, ontologias tão distintas, torna possível pensar o desejo para além de uma psicologia comportamental/positiva ou de uma moralidade cristã. O inconsciente, tal como formulado por Lacan, e o axé, tal como vivido nas práticas afro-brasileiras, desorganizam a temporalidade linear, desafiam a estabilidade identitária e recusam a ideia de completude. O sujeito aparece, então, como atravessado por forças que não controla plenamente, seja sob a forma de resto simbólico, seja sob a forma de potência ritual.

Por fim, a opção por uma escrita em segunda pessoa vai além de mero recurso estilístico, apontando como gesto epistemológico ao estabelecer uma possibilidade de invocação com Pombagiras mediada pelo texto literário de Caio Fernando Abreu (2018). Ao endereçar o texto a interlocutoras que escapam à arquitetura humanista do leitor universal, a escrita encena o próprio descentramento que o argumento propõe. Se o objeto a marca o ponto em que o sujeito não coincide consigo mesmo, e se o axé evidencia a circulação que o atravessa, a escrita pode funcionar como espaço onde essa não-coincidência se torna forma. Talvez seja nesse intervalo entre falta e potência, entre projeção e incorporação que se abra a possibilidade de uma ontologia do desejo menos preocupada em estabilizar e mais disposta a sustentar a roda girando.

Referências

Abreu, Caio Fernando. *Dama da noite*. In: Abreu, Caio Fernando. **Contos completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Barthes, Roland. *A morte do autor*. In: Barthes, Roland. **O rumor da língua**. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Benjamin, Walter. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação; tradução Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

Botoso, Altamir. O romance em segunda pessoa: análise estrutural. In: **Revista Letras Raras**, v. 10, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1955/1848>. Acesso em: 10 janeiro 2025.

David-Ménard, Monique. **A vontade das coisas**: o animismo e os objetos. Tradução Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2022.

Foucault, Michel. As ciências humanas. In: Foucault, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Foucault, Michel. Os insensatos. In: Foucault, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2019.

Haraway, Donna. **Staying with the trouble**: making kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

Lacan, Jacques. **O seminário, livro 10**: a angústia; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Preciado, Paul. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Trad. Maria Paula Ribeiro Gurgel. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Object *a*, as in Axé: enunciation politics between the couch and the terreiro

Abstract: This article proposes a theoretical and formal experiment by placing into friction two seemingly incompatible ontologies: axé, understood as a relational principle within Afro-Brazilian cosmologies, and Lacan's object *a*, conceived as the cause of desire and structural remainder of the Real. Drawing on the narrative displacement found in "Dama da noite" by Caio Fernando Abreu, the text questions the neutrality of academic writing through a second-person enunciation addressed to Pombagiras. It argues that while axé and object *a* operate within distinct ontological regimes — circulation of potency and logic of lack — both point toward a constitutive exteriority that decenters the subject. By exploring the tensions between terreiro and psychoanalytic clinic, the article suggests that academic writing itself may function as a site of epistemological displacement, opening space for a non-humanist ontology of desire that destabilizes the unity of the Cartesian subject.

Keywords: Pombagira. narrativity. Lacanian psychoanalysis.

Recebido: 30/06/2025

Aceito: 01/06/2026